

DOSSIÉ . Alentejo: o trabalho e o povo nos 40 anos de Abril

Alentejo, Alentejo, de Sérgio Tréfaut

Estreado a 24 de Abril no festival IndieLisboa 2014, onde venceu o prémio para melhor filme português, *Alentejo, Alentejo*, de Sérgio Tréfaut, parte do cante para mostrar o Alentejo e os alentejanos na sua relação com a terra, com o trabalho, com as tradições culturais, com as migrações. Comunidades marcadas por uma vida dura e por partilhas que vêm de longe, mas que são também colocadas perante os conflitos da modernidade e a actualidade da crise.

PAULA GODINHO *

«Um homem só não vale nada», dizia uma personagem de Manuel da Fonseca. No Alentejo, pelas condições adversas e pela vida dura, o cante faz-se em grupo, mesmo que cada um se apure antes a sós, para que o todo possa sair perfeito. *Alentejo, Alentejo* (2014), o mais recente filme de Sérgio Tréfaut, começa com *Grândola, Vila Morena* e com rostos, de novos e de velhos, mulheres e homens, com a pele calejada pelo sol e marcada pelas minas. É gente que trabalha, convive, prepara refeições, come, dorme, e quando morre é chorado com cante, uma forma coral popular alentejana. Numa aproximação em que se detecta o contacto alongado do realizador e da sua equipa com as pessoas, entramos comovidamente num filme repleto de gente e do amor à «terra sagrada do pão», onde se explica que o cante não tem uma escola, porque resulta da aprendizagem feita no trabalho, uns com os outros. Um homem vai mais longe, e recita um poema explicativo do cante, que alvitra terem os alentejanos aprendido a cantar directamente com os pássaros, e só depois a falar.

Aos mais velhos, que ainda mourejaram na lavoura, juntam-se hoje jovens para quem o cante deixou recentemente de parecer ultrapassado, embora remeta para uma sociedade rural em que a agricultura era central. Juntam-se também as mulheres, de vários grupos femininos. Os temas das modas são frequentemente tradicionais, sem autoria, embora ouçamos um muito sentido *Portugal está na Crise* (com letra de Joaquina Gaiato e música popular), que alude à actualidade portuguesa, com empresas que fecham, desemprego e fome. Inesquecível é igualmente a gravidade dos mineiros de Aljustrel a cantarem o seu hino, que fala das entranhas da terra e dos companheiros.

Aos que permanecem no Alentejo, juntam-se também os que vieram para a periferia da cidade grande, e os meninos de todas as cores, do grupo Os Rouxinóis da Damaia, que entoam a *Salsa Verde*. Há crianças alentejanas – de Aljustrel e Vila Nova de S. Bento – que desenham os pais, que fa-

lam sobre eles, sobre o futuro e o que querem fazer com ele, numa terra que foi ficando exangue, depois de tantas partidas. Nas escolas esvaziadas, os meninos mencionam os percursos dos familiares próximos que estão na Suíça ou em França, e uma professora esclarece que dali não se está a partir de férias no estrangeiro, mas porque não existe emprego.

Esta divulgação e *segunda vida* do cante não é alheia à sua candidatura à classificação como património imaterial da humanidade por parte da Unesco, que o re-significou e valorizou. A visão folclorista do Estado Novo já havia cristalizado um modo de apresentação pública dos cantores, com trajes que recobriam a divisão técnica do trabalho e obnubilavam a participação social. Mais recentemente, a revitalização resgatou a auto-estima dos que vivem ou provêm de uma terra exaurida, sem gente. À candidatura patrimonializante, juntam-se fenómenos de festivalização e mercantilização, com apresentações públicas distanciadas do contexto de partida. Num dos casos filmados, acompanhamos um grupo que acedeu a actuar no Mega Pic Nic Continente, no Terreiro do Paço, em Lisboa, embora a voz estridente de um locutor, que exortava o público a esperar pela actuação de Toni Carreira e que que-

ria «puxar o orgulho dos portugueses bem lá para cima», os levasse a desistir. Num espaço em que personagens da Disney se cruzavam em cacofonia com os homens do cante, um dos cantadores diria: «Não há condições para cantar», quando a música de consumo massificado claramente destronava a de produção popular.

Estes instantes não podem obscurecer um processo, que se reporta a um tempo longo, em que o cante se terá aperfeiçoado, associado ao trabalho rural e aos assalariados. «É tão grande o Alentejo / tanta terra abandonada», cantam. Depois da «campanha do trigo», em 1929, de iniciativa estatal e que conjugou os interesses dos grandes agrários com os da indústria de adubos, o «celeiro da nação» ficaria desgastado, com os solos pobres arruinados pela sobreutilização. Numa estrutura social com classes bem demarcadas, um «nós» e um «eles» que, fora do universo de trabalho, só se cruzam se trespassarem fronteiras, porque a própria convivialidade é exclusiva, os trabalhadores temporários foram maioritários. Entre os subalternos, os «justos» ou «concertados» eram contratados ao ano, permanecendo um remanescente de mão-de-obra que só sazonalmente, durante as grandes fainas, tinha emprego. Em alguns lugares emergia também a pequena propriedade, mas o Alentejo foi – e é – uma

região de latifúndio, por vezes pertencente a agrários absentistas, cujos feitores se encarregavam da contratação de jornaleiros ou do arrendamento das piores terras aos seareiros.

Da reforma agrária à PAC

Uma mulher conta-nos que começou a trabalhar com 8 anos, à jorna, e que para secar a saia molhada nos arrozais, tal como as outras mulheres, ficava sem ela, descomposta, porque só tinha uma. Em casa partilhava uma sardinha com os irmãos e dormia em sacas que o pai conseguia arranjar; quando as pulgas e os percevejos deixavam. Um casal fala das sazes e das longas jornadas de trabalho nas zonas húmidas de Alcácer: Ainda assim, custou partir para a cidade grande, embarcar no comboio e, de maneira liminar, atravessar o Tejo e deixar para trás a terra que não lhes pertence, mas não deixa de ser a sua. Esse doloroso percurso plasmou-se num dos mais conhecidos exemplares do cante. Nas décadas de 1950 e 1960, o Alentejo foi esvaziando e a mecanização entrou em grande escala. Terra marcada por confrontos de classe intensos e pela resistência à longa ditadura, após as lutas pelas 8 horas de trabalho, em 1962, o Alentejo perderia gente e veria amainar o conflito social. O último momento de cultivo pleno foi



Imagem do filme "Alentejo, Alentejo", de Sérgio Tréfaut (2014)



Imagens do filme "Alentejo, Alentejo", de Sérgio Tréfaut (2014)

também o primeiro e único no século XX em que os trabalhadores rurais, sobretudo temporários, conseguiram emprego continuado e iniciaram a difícil aprendizagem de trabalhar sem patrão e feitor: a reforma agrária, enquadrada no processo revolucionário, após o 25 de Abril de 1974. Depois do desgastante processo de contra-reforma agrária, a que se seguiu a reforma da política agrícola comum (PAC), o Alentejo permaneceu subcultivado, recoberto com coutadas, de campos vedados que impedem a própria circulação pública.

O cante articula-se com a festa, com a convivialidade em grupos masculinos, com

vinho, cerveja, chouriça assada, com pitéus que variam com cada estação. Um homem recupera de olhos brilhantes o cante das celebrações de Verão nas terras do Sul, com os mastros enfeitados. Permite exteriorizar emoções e afectos contidos, bem como sentimentos disfóricos, desamores, desgostos, lutos. É inesquecível a imagem do grupo de cante junto da campa de Michel Giacometti, em Peroguarda.

Neste filme de Sérgio Tréfaut, cujo modo sensível e tocante de registar em imagens se reconhece noutros filmes (*Outro País, Fleurette, Lisboaetas, A Cidade dos Mortos* e, na ficção, *Viagem a Portugal*), a câmara torna-se

íntima, com uma aproximação que permite aceder aos mais recônditos ambientes. Entra pela padaria de Safara e pelas casas dos alentejanos, assenta arraiais nas cozinhas em que se faz a açorda de alho, coentros e azeite, enriquecida com ovos escalfados ou com bacalhau, e chega mesmo ao momento mais recatado e vulnerável, o do sono.

Se a conversão em património imaterial da humanidade insere o cante numa dimensão que exalta o valor de troca, com as suas recuperações comerciais e os seus usos políticos, o filme não nos deixa esquecer um elemento fulcral, recoberto pela ganga que se associa às suas funções mais recentes: trata-

-se de uma manifestação cultural que marcou a passagem do tempo individual (das fases da vida) e colectivo (os ciclos de estação, os momentos de defeso do trabalho). O carácter auto-referencial, patente no título, remete para gente que olha para a terra que não tem – e, num tempo longo, não há memória de ter possuído – e a louva com um amor intenso, uma tristeza espessa quando tem de partir, uma saudade imensa na diáspora. Como escrevia José Gomes Ferreira, «*Nunca vi um alentejano a cantar sozinho*». ■

* Antropóloga, professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).

